O TRABALHO E A RUA

Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80

Ayrton Fausto **Ruben Cervini**

Organizadores

unicef
Fundo das Nações Unidas para a Infância

FLACSO
SEDE BRASIL
15º ANIVERSARIO

UNESCO

CORTEZ
EDITORA

O TRABALHO E A RUA:

Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80

Ayrton Fausto, Ruben Cervini (Org.)

Programação visual e Capa (sobre fotos de Maurício Bacellar): Carlos Clémen
Preparação de Originais: Helder Garmes
Edição de texto: Adma F. Muhana
Revisão: Celso Duarte, Maria de Lourdes de Almeida, Rita de Cássia M. Lopes
Coordenação editorial: Danilo A. Q. Morales

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. — 2. ed. — São Paulo: Cortez, 1996.
Textos selecionados de estudos e pesquisas apoiados pela UNICEF, FLACSO.
ISBN 85-249-0305-8 (Cortez) ISBN 85-85140-02-X (FLACSO do Brasil)
1. Adolescentes - Brasil - Condições sociais 2. Brasil - Política social 3. Crianças - Brasil - Condições sociais 4. Menores - Trabalho - Brasil 5. Menores abandonados - Brasil I. UNICEF. II. Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. III. UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. IV. Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80.

91-2545 CDD-362.70981
331.310981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Adolescentes: Problemas sociais 362.70981
2. Brasil: Crianças: Problemas sociais 362.70981
3. Brasil: Meninos de rua: Problemas sociais 362.70981
4. Brasil: Menores: Trabalho: Economia 331.310981
5. Trabalho infantil e juvenil: Economia 331.310981

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa dos editores

© 1991 by UNICEF/FLACSO/UNESCO
Direitos para esta edição
CORTEZ EDITORA
Rua Bartira, 387 — Tel.: (011) 864-0111
05009-000 — São Paulo — SP

Impresso no Brasil — 1996

Sumário

Prefácio 9
Introdução 15

Capítulo 1

O menino trabalhador no Brasil
urbano dos anos 80 17

Ruben Cervini, Freda Burger

Capítulo 2

Pobreza, cor e trabalho infanto-juvenil. 47

I. As conseqüências da pobreza sobre
a infância e a adolescência 48
Ricardo Paes de Barros,
Rosane S. Pinto de Mendonça

II. Conseqüências de longo prazo
do trabalho precoce 56
Ricardo Paes de Barros, Eleonora Cruz Santos

III. O papel da cor na inserção do menor no
mercado de trabalho metropolitano brasileiro 62
Ricardo Paes de Barros, Eleonora Cruz Santos

Capítulo 3

«Menores» institucionalizados e meninos de rua:
os grandes temas de pesquisas na década de 80 69

Irene Rizzini, Irma Rizzini

Capítulo 4

Crianças de rua: um estudo das
suas características demográficas 91

Eduardo Juárez

Capítulo 5

Meninos de rua e meninos na rua:
estrutura e dinâmica familiar 117

Alda Judith Alves-Mazzotti

Capítulo 6

Da casa à rua: a cidade como
fascínio e descaminho 133

Arno Vogel, Marco Antonio da Silva Mello

Capítulo 7

A família contra a rua: uma análise
psicossociológica da dinâmica familiar em
condições de pobreza 151

Wilson Moura

Capítulo 8

A montanha e a pedra: os limites da política
social brasileira e
os problemas de infância e de juventude 195

Vilmar Faria

Anexo estatístico

O menino trabalhador no Brasil
urbano dos anos 80 227

Ruben Cervini, Freda Burger,
Lucilene Dias Cordeiro

esposa dele, junto com a minha mãe: — já que você não é de nada mais, você fica aqui comigo. Quando a sua mãe tiver doente, você fica aqui sendo minha esposa. Eu disse a ele que se ele não endireitasse ia contar isso pra minha mãe. Foi aí que eu não agüentei mais e abri o jogo com a minha mãe: — mãe, vamos embora pra Goiânia, é uma capital boa, dá toda assistência pra nós, esse marido da senhora não é homem pra nós... A mãe não acreditou naquilo e abriu o jogo com ele. Ele ficou tão revoltado com aquilo que eu contei que ele me pegou e me deu um couro...:

— Uma cachorra que nem você, tem mais é que morar na rua! Pegou as minhas coisas e jogou da porta de casa pra rua..."

A segunda ligação amorosa

Saiu da casa do padrasto (expulsão) e foi para a casa de um primo dele. Conversou com o mesmo, fazendo uma proposta para tentar resolver a situação em que se encontrava. "Aí eu arrumei o pai do meu segundo filho... — Se você me der arroz e feijão, um lugar pra eu morar é o que eu quero... Aí eu abri o jogo pra ele, contei tudo direitinho pra ele... ele chegou a chorar. — Vou levar você pra minha casa. Eu sou rapaz solteiro, bebo as minhas pinga...

Nessa época ele tinha uns 19 anos. Nós fomos morar juntos. Nasceu o menino, tudo bem. Quando foi o outro filho, aí começou... começou a arrumar muiezada. No dia que eu ganhei o menino, eu comecei a ter o treco de novo. Os médicos examinaram e disseram que eu estava daquele jeito por falta de alimento. Aí eu peguei e vim pra Goiânia. Fui morar com a família dele. Não deu certo e então eu fui embora pro Norte. Lá encontrei a minha mãe e fui morar com ela e meu padrasto. Trabalhando na roça e ajudando a criar os meus..."

A trajetória da família: de sua constituição à saída do menor para a rua

A constituição da família do menor (a terceira ligação amorosa)

" — Ali tem um rapaz trabalhador, muito humilde... por que você não vai morar com ele?, disse o meu padrasto. Ele achava que eu tinha que ter um homem pra aprender a educar os meus filhos. Então eu fui morar com ele... é aquele que é o pai dos meninos[1]. Trabalhador, demais da conta, seguro, o que ele faz é pensando no futuro... casa farturenta... Não deu certo por causa de uma certa pessoa, o meu compadre que morava conosco. Eu encontrei o rapaz que vivia comigo mexendo com homem... eu fiquei sem graça..."

Depois de algum tempo, segundo a entrevistada, achou que não dava para continuar e saiu de casa. Aí veio para Goiânia e de novo restabeleceu o convívio com o mesmo companheiro. Nessa situação em que se encontrava, muito dependente, disse que a sua vida com muitos filhos era difícil. "Depois eu acordei... vi que aquilo não era vida... ele me batia, judiava comigo... ruim demais. Nessa época eu não trabalhava, vivia às custas de homem... só comia o que botavam em casa... Aí não suportei mais e saí de casa".

A quarta ligação amorosa

Conseguiu com o auxílio da mãe e parentes internar os mais velhos num orfanato em Anápolis. Conseguiu uma casa para morar na Vila Mutirão e ficou com o menor, que devia ter uns 2 anos na época. Arrumou um companheiro que foi viver com ela, mas que também não deu certo, porque não queria trabalhar. Era ela que tinha que sustentar tudo. Foi então que consegui trabalhar na Limpeza Urbana, em 1984. "Depois que eu entrei na COMURG a minha vida melhorou..."

A vida do menor antes de ir para a rua

Quando começou a trabalhar na Limpeza Urbana, o menor tinha 3 anos e não dispunha de ninguém para cuidar dele. "Foi então que um meu irmão começou a levar o menor todo dia pra conhecer Goiânia... Eu saía de madrugada pra trabalhar e chegava tarde da noite e aí danava a procurar os meninos... cadê os meninos? ... Os meninos tavam pra rua..."

Como estivesse com saudades e achasse que "ter uma casa e um emprego era uma riqueza para os meus filhos... "mandou buscar os filhos todos para morarem juntos. "Lá onde nós morava tinha muita criança. Mas basta um, pra levar todos a perder. Um diz:

— vamos lá pra Goiânia! lá a gente consegue um dinheirinho, nós compra balinha, nós faz isso, nós faz aquilo... Aí acostuma, não quer outra vida..."

Mas mesmo assim disse que tentava dar conselhos para eles: "— mamãe foi criada na roça, nunca teve tempo pra aprender o que não presta... Se vocês não querem estudar, pelo menos fica em casa... tudo o que vocês pede, mamãe dá: mamãe compra televisão, dá carinho, dá amor, conto a 'regulagem' como é lá fora, procuro o lado que é melhor pra vocês... Mas parece que não adiantava muito..."

1. Os "meninos" são justamente os menores que se encontram na rua.

A saída de casa (a visão da mãe)

"Quando o menino nasceu em 1981, eu não trabalhava não. Depois, em 1984, quando eu comecei a trabalhar, que a minha vida melhorou... dessa hora em diante que eu comecei a trabalhar, meus filhos ficaram dessa forma que tão agora... Quando eu saí pra trabalhar, eles saíam pra rua... Eles dizem que dentro de casa era ruim. Eles me pediam pra levar eles pro serviço... mas eu não podia..."

Perguntada quando efetivamente tomou conhecimento de que se encontrava na condição de mãe de um menino que resolveu viver na rua, respondeu que foi quando o menino passou sete dias fora de casa. "Eu fiquei maluca... pelejei com o meu chefe pra ver se eu conseguia um dia de folga pra procurar o meu filho... Aí eu telefonei pra Polícia Feminina e elas me disseram que ia achar os meninos... Acharam o menino, na Av. Goiás, enrolado no jornal. No dia seguinte, às 5:00 horas da manhã, chegou o pessoal do Juizado de Menores... Eles olharam a casa toda e chegaram à conclusão de que os meninos não tinha razão pra ficar na rua: — com tudo que a senhora tem em casa não dá pra entender porque eles fogem de casa..."

A saída de casa (a visão do menor)

Disse que gostava de casa, mas um dia resolveu acompanhar o irmão mais velho que ia para o centro da cidade. "Entrou no ônibus, passou por debaixo da catraca e assim conseguiu entrar sem pagar nada... Chegou no terminal, pediu um dinheirinho, comprou uns salgados... eram ruins..." Mesmo assim gostou da rua. "Chegava em casa à noite... e aí a mãe batia... de vara. Depois saía sempre... conseguia uns 100, 200 por dia..."

A trajetória do menor: da saída de casa até o momento atual

A visão da mãe

"Logo nos primeiros dias que o menino começou nesta vida, veio aqui em casa uma moça com uma informação pra eu comparecer à Delegacia de Menores... É que o menino e os companheiros tinham sido apanhados roubando bicicleta... Ele me disse que só apanhou a bicicleta porque os mais velhos mandaram, porque se não apanhasse, eles batiam..."

"Todo o mundo tem dó porque os meus filhos tá roubando... meu coração dói... Tem dia que eu deito e fico pensando — será que o meu filho tá dormindo numa casa? Eu choro... Um dia desses eu estava trabalhando no centro da cidade e encontrei o menino, dentro de umas caixas de papelão... junto com um bando de pivetinhos... tão sujo! Eu já pensei em pedir as contas do emprego e ir embora pra roça pra ver se recupero os meninos... Eu pensava assim quando eu saí de onde eu morava e vim pra cá... tão longe... foi pior... Lá pelo menos eles saíam cedo e quando era noite eles voltavam... Aqui, eles acham muito longe... aí eles passam a dormir fora direto..."

A visão do menor

Infelizmente, ficou prejudicada pela dificuldade de comunicação do menor. Entrevistando então os educadores de rua que já convivem há bastante tempo com o menor na rua, pôde-se levantar as seguintes informações. Normalmente o menor pede dinheiro, o que não impede de participar de pequenos furtos. O que invariavelmente faz é aplicar o seguinte golpe: pede a algum adulto que esteja na rua, normalmente algum camelô com quem se relaciona, para escrever num pedaço de papel: "me dá um dinheirinho para ajudar a comprar a caixa de engraxate". Com isto fica pedindo ajuda o dia inteiro, até conseguir o suficiente para comprar o que deseja. Também faz uso de cola e esmalte.

Atualmente se encontra numa instituição que se ocupa de crianças deficientes, crianças abandonadas e menores de rua de 7 a 14 anos. Como é uma instituição aberta, de vez em quando se enjoa e vai para a rua. Dificilmente a mãe aparece para visitá-lo. Foram raríssimas as vezes que o pessoal que trabalha na instituição viu a mãe do menor. Este, segundo alguns técnicos, diz sentir saudades da mãe e do atual padrasto.

A perspectiva temporal futura

A visão da mãe

O grande sonho da mãe do menor é "que a família tivesse paz e união... que os filhos fossem todos quietinhos, que trabalhassem direitinho, que fossem carinhosos..." Que quando ela chegasse em casa, de noite, "tudo tivesse arrumadinho... os filhos tudo quietinho em casa... preparado pra dormir... Isto é minha alegria... de todos os pais e todas as mães..."

"Eu queria que vocês[1] me ajudassem... que eu sou uma mãe fraca... que minhas forças é pouca... que

1. A mãe do menor tomou o entrevistador como membro de alguma instituição de assistência ao menor.

arrumassem um lugar fixo pra botar eles". Logo em seguida, refletindo sobre o que tinha dito, emendou: "eu tenho a impressão de que se eu pegasse as contas na firma, arranjasse uma roça, bem no interior, pegasse todos eles e mudasse pra roça... eu acho que eu dava um jeito neles. Levar eles todos os dias pro serviço... igualzinho a minha mãe me criou... Eu acho que dava conta. Os meninos que estão na rua já dão conta de pegar uma enxada... Eu acho que desta maneira, eles têm jeito de endireitar... eles estão novos..."

Caso 3

Menor: 18 anos
Sexo: feminino
Saída para a rua: aos 7 anos

A escolha deste caso deveu-se primeiramente a um fator bastante limitador — o número de meninas de rua vem diminuindo sensivelmente. É importante ter-se em mente a distinção da *menina de rua* — aquela que efetivamente se instalou na rua com as demais meninas e/ou meninos, compartilhando dos muitos comportamentos anteriormente descritos — das *meninas na rua*. Estas, sim, fartamente observadas, desenvolvem na rua várias atividades, principalmente a prostituição, mas não devem ser confundidas com as meninas de rua porque ou mantêm ainda as suas ligações familiares, inclusive residindo com suas famílias, ou possuem um domicílio fixo fora da rua.

Outro condicionante também foram as próprias características da população de meninas de rua: elas são muito mais difíceis de serem contactadas e, mais ainda, de concederem entrevistas. Sobretudo quando se trata, como foi o propósito deste trabalho de envolver também a família. Nesta situação, só foi possível estabelecer contatos com algumas meninas através de experientes educadoras de rua que se prontificaram a ajudar e a estabelecer essa ligação. Assim mesmo ficou-se reduzido a um total de três opções, das quais se escolheu uma. É importante considerar que, mesmo se tratando de uma maior, porque já completou 18 anos, resolveu-se levantar a sua história, devido às seguintes características: está na rua desde os 7 anos; sempre conviveu com os meninos indistintamente, compartilhando os mesmos hábitos — cheira cola, participa dos roubos e furtos, se diverte, vive nos grupos, dorme nos mocós —; mesmo tendo já completado a maioridade e estando grávida, permanece tendo os mesmos hábitos; e, finalmente, tendo em vista a forte ligação afetiva desenvolvida com a educadora de rua que serviu de ligação, foi a mais disponível para dar a entrevista, comparecendo no local e data acertados, e ainda estabelecendo um contato com a mãe para avisá-la de que uma pessoa iria à sua casa realizar uma entrevista com ela.

Dados sobre a família (depoimento da mãe)

Idade da mãe: 35 anos

Número de filhos: uma filha casada (22 anos); uma filha (18 anos) e um filho (17 anos) na rua; e cinco filhos que moram, atualmente, com a mãe: duas meninas (15 e 13 anos); dois meninos (12 e 9 anos) e a caçula, de 8 anos..

Companheiro atual: 55 anos

Condições de saúde: a mãe está atualmente quase cega, pois ainda não conseguiu operar-se para resolver o probiema de catarata que a aflige desde os 7 anos de idade.

Condições econômicas: a mãe está impossibilitada de trabalhar devido à falta de visão. Dos filhos que moram com ela, todos têm uma atividade, sendo que as duas adolescentes trabalham fora e os dois meninos trabalham como engraxates. O companheiro atual é aposentado e trabalha no lugar de moradia como vigia dos carros e, segundo declarações suas, dá para viver sem passar fome. É interessante conhecer o próprio julgamento que a mãe faz a respeito de suas condições de vida: "Atualmente eu não ganho nada, faz mais de seis meses... Os meninos com as engraxadinhas deles ajudam... Dá pra gente... arroz, feijão, algum dia uma carninha... Quando eu trabalho eu ajudo ele... compro um arroz, feijão... O meu dinheiro é para isto... nem roupa dá pra comprar... os meninos não têm nem roupa e nem o que calçar..."

Condições de habitação: trata-se de um estacionamento de automóveis, localizado numa região bem central da cidade. Esse estacionamento possui ao fundo uma parte coberta, onde se encontra uma construção de alvenaria, dividida internamente por cortinas em sala, quarto e cozinha. No exterior há um banheiro. Ao que tudo indica, deve ter sido construído para abrigar o vigia, sem família.

A trajetória de vida da genitora até a constituição da família da menor

A infância

Não tem saudade de nenhuma época de sua vida. Na infância, diz que sofreu demais. "A minha mãe me batia muito, porque eu era pequena, tinha que trabalhar muito, lavar roupa para os outros pra poder comer..." Tinha muitos irmãos e o pai morreu cedo. "O maior sacrifício, deixou nós sem colocação... eu tinha 12 anos quando meu pai morreu".

A mãe veio para Goiânia tentar algum emprego, enquanto ela ficou lá na roça, onde teve o primeiro filho. "Eu fiquei sozinha... a gente não tem cabeça, faz o que não deve..." Já sofria da vista desde os 7 anos. Aos 13 chegou a Goiânia e foi trabalhar na roça, num município vizinho, por cerca de dois anos. Quando retornou a Goiânia veio gestando a menor. Estava com quase 15 anos de idade.

A trajetória da família: da sua constituição à saída da menor para a rua

A constituição da família da menor

Casou aos 15 anos com o padrasto da menor, viveu com ele durante dez anos e teve seis filhos. Estava sempre mudando de lugar, de cidade em cidade, buscando uma melhoria. "Vivia com a trouxa na cabeça. Estive em Minas, S. Paulo, Mato Grosso. "A última cidade onde viveu com o marido foi Niterói. Ganharam uma casinha, mas logo depois se separou e voltou para Goiânia. Brigavam muito. Já tinham três filhos. O motivo da separação foi que tentou matá-lo. "Nós pegou brigando, brigando, brigando... Aí eu peguei uma foice pra cortar o pescoço dele, quando o dono da casa chegou. Ele estava dormindo... — Mas, o que é isto, Dona X? A senhora fazer uma coisa destas! Vai sujar nós..." E tomou a foice da mão dela. Nisto o marido acordou, com a desordem: "ai o senhor falou pra ele: — O senhor ia morrendo aí agora! Aí eu peguei os trem e resolvi sair... — Também não vou ficar aqui, agora! foi o que disse pra eles..."

A seguir voltou para Goiânia e o marido veio atrás. Ele deu parte dela na Polícia, que a obrigou a morar junto com o marido, senão teriam que prendê-la por ameaça de morte. Passaram então a viver juntos de novo e "aí a gente adquiriu mais um filho..." O marido começou a trabalhar na rua como catador de papel e também ela catava papel. Contudo, continuaram brigando, até que ela não agüentou mais, porque o marido vivia querendo matá-la e ela tendo que fugir, se esconder. "Até que eu larguei dele, fiquei aqui na viela três meses, sofrendo, passando fome, tudo... Eu não queria ficar sozinha... e ele atrás de mim, querendo me matar, me dando tapa na minha cara, dentro do ônibus... Foi então que eu arrumei este vigia que eu estou morando com ele..." Há quatro anos está separada do marido e vivendo com o atual companheiro.

A vida da menor antes de ir para a rua

"A minha vida era atribulada, cheia de confusões, cheia de tragédias... A gente brigava muito por causa dela... O padrasto sempre implicava com a menina, porque não gostava dela. Quando a menina tinha um mês de nascida, tentou matá-la, amarrando a boca da menina com uma fralda. Eu acordei e desamarrei a menina. Perguntei a ele porque ele queria matar a menina. Ele respondeu que ele tinha raiva da menina, porque ela não era filha dele e chorava demais... Depois a menina foi crescendo e o padrasto melhorou". Chegando aos 6 anos, a menina foi ficando mais difícil, mais levada, o que enfurecia o padrasto.

A partir dos 7 anos começou a fugir de casa. O motivo era que o padrasto "judiava" muito da menina, ou seja, batia muito nela e na mãe também, quando esta tentava defendê-la. "Aí eu saía atrás dela, pelejava, pelejava, ela não me atendia... até que eu conseguia trazer ela de novo..."

A saída de casa (a visão da mãe)

Aos 12 anos, quando o padrasto descobriu que a menina não era mais virgem, expulsou-a definitivamente de casa. Ele tinha medo que as outras meninas fossem desencaminhadas. "— De agora em diante", o padrasto disse, "o trem mudou aqui em casa. Eu não vou criar *muié*... ela se vira. Aí eu peguei a soltar ela... quando ela ia presa eu ia soltar ela e levava para casa..."

A saída de casa (a visão da menor)

Desde pequena o padrasto não gostava dela, batia-lhe muito. Quando descobriu que não era mais virgem, mandou-a embora de casa "para não dar mau exemplo às irmãs..."

A mãe era doente da vista e vivia com muita dificuldade. Antes de sair brigava muito com a mãe, porque queria ficar na rua. "Tudo o que aprendi na vida foi na rua... até a cozinhar".

A trajetória da menor: da saída de casa até o momento atual

A visão da mãe

A menor tem um homem de quem não gosta e de quem está esperando um filho agora. "Ela já arrumou barriga uma vez e perdeu o menino, abortou... Ela morou com um velho e levou facada. Ela tá morando com um rapaz novo, sem juízo que nem ele... Ela não pára dentro de casa. Tem um homem que trabalha na Limpeza Pública, dá umas coisinhas para ela, o que ele pode fazer, ele faz. Arrumou uma casa... só para ela fazer umas comidinhas, e ela não pára dentro de casa. Diz que não agüenta porque enjoou da cara dele. Aí vem para a rua... usando cola... usando esmalte... usando drogas... Esse velho que deu a facada nela é viciado na droga. Ela anda com ele... vai para lá, usa a maconha dele... Não liga pra conversa minha... Não tem jeito não de mudar..."

A visão da menor

Depois que foi viver na rua começou a roubar, cheirar cola, esmalte e usar drogas.

Agora parou de roubar; segundo ela, parou de roubar com medo de ser presa, ficar detida. "Somente os meninos é que apanham umas coisas e dão pra mim..."

Também tem vivido da prostituição, mas não gosta muito, não.

Existem algumas informações de educadoras de rua que afirmam que a menor é muito agressiva, metida a valentona.

Condições de sobrevivência

"O filho que eu estou esperando é de um rapaz que mora lá na Vila Mutirão... Ele me dá uns Cr$ 2.500,00... só que eu não gasto tudo assim de uma vez. Já o coroa me dá meio salário-mínimo... porque ele me deu umas furadas na barriga. Eu morei com ele um ano e meio. Aí, eu quis me mandar... ele ficou com ciúme, ele disse que se eu não fosse morar com ele não ia morar com mais ninguém. Aí me deu duas furadas... uma atingiu meu fígado, tive que operar... agora ele me dá dinheiro todo mês..."

Perguntada sobre a avaliação que faz de sua vida, acha que os responsáveis foram os homens: o padrasto e os homens com quem morou junto. "A gente arranja uns home pra morar e eles querem se aproveitar. Uns quer me bater, outros querem se aproveitar de mim... prefiro ficar do jeito que estou. Prefiro viver de mocó a ficar numa casa presa... sendo assim mandada... faz isto, faz aquilo... A gente faz as coisas certinhas, mas... não é deste jeito, é de outro... prefiro ficar como estou".

A melhor coisa que aconteceu na sua vida

"Foi a época que viveu no CFM[1]. Eu tive que sair depois que completei 18 anos. Eu era a menina mais boa que existia lá... bem comportada, estudava, ficava numa boa... Tinha um papeleiro que eu vivia com ele. Todo dia ele ia lá encher o saco... Eu tive que sair... elas disseram que daquele jeito não dava. Elas não podiam fazer isso comigo, não... O dia que elas me mandaram embora eu saí com ele... eu gostava dele. Aliás, eu saí de lá por causa dele. Ele me dava porrada, todo dia... Nós saímos de lá e fomos viver juntos lá no depósito de papel... Aí ele grilou comigo... era ciúme... então, me deu uma garrafada na cabeça e sumiu para Anápolis..."

A perspectiva temporal futura

As expectativas da mãe

"Minha vida sempre foi amargosa... toda a vida sofri da vida, desde os sete anos... Eu passo mais de olhos fechados, do que de olhos abertos... A gente não tem uma vida alegre, a gente tem uma vida triste... Não acredito em mais nada da vida... só Deus... Eu esperava que os meus filhos gostasse de trabalhar, mas pelo visto não tá dando nada que preste... O outro filho de 17 anos tá aí na rua... Já falou até em me matar. Ele é revoltado, desde pequeno... Eu não sei porque ele é assim... só procura malandragem... É muito difícil a minha vida de família... os meninos todos desobedientes... Não existe um jeito de dar um serviço assim pra trabalhar... Mas o que eu posso fazer por eles, eu faço. A gente é pobre, não pode dar uma vida *mió*, pra eles... Só espero que Deus vai fazer melhorar a minha vista de forma a eu poder trabalhar e ajudar o meu marido e com isso arrumar um lugar pra gente morar melhor, mais sossegado, criar estes meninos direito... O tipo de ajuda que eu queria é que me dessem um lote, pra molde eu poder criar esses meninos mais tranqüilo..."

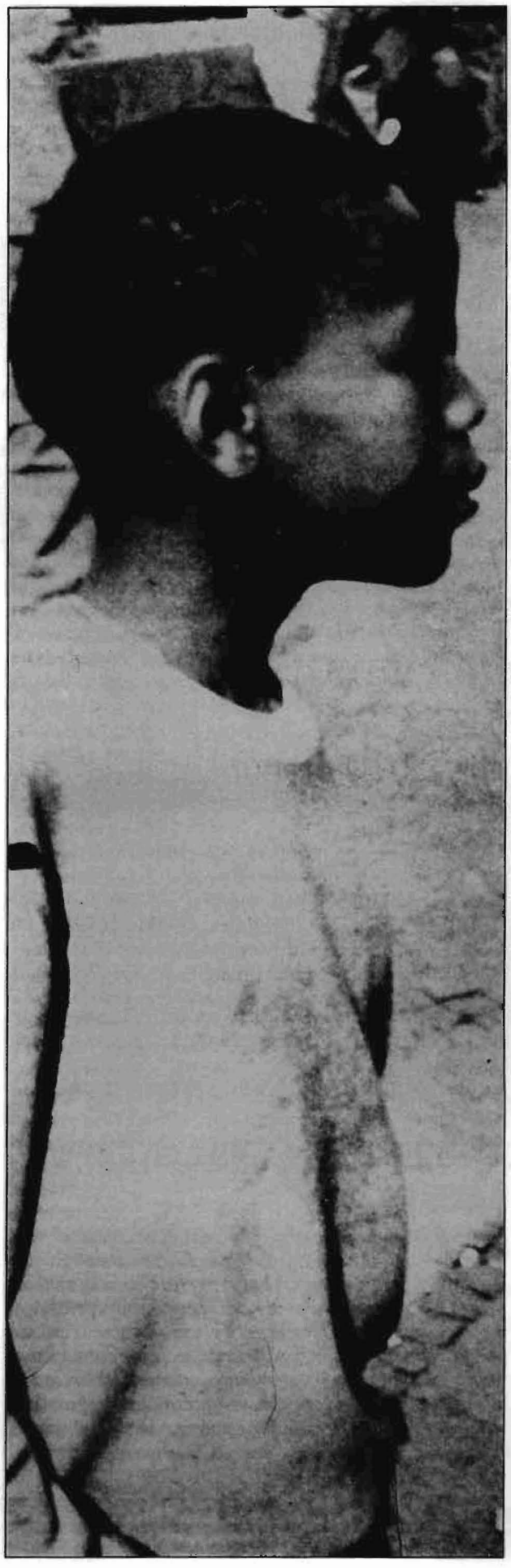
1. CFM (Centro de Formação do Menor) é uma instituição aberta que assiste a menores de 14 aos 18 anos, desenvolvendo várias atividades de formação profissional.

As expectativas da menor

"A minha mãe é uma pessoa superlegal. Se não fosse ela eu não estaria viva, não. A qualquer hora que eu precisar dela eu posso correr lá que eu terei comida, roupa limpa... Aquilo ali não me dispensa por nada..."

Com relação à família gostaria que fosse unida, tivessem sido criados juntos e que "não tivesse a vida que eu tive. Essa vida que eu levo não é vida pra ninguém, não..." Com relação ao filho que vai nascer, "pretendo dar tudo que eu não tive a ele. Assim que ele nascer pretendo trabalhar, arrumar um barraco pra mim, colocar ele na creche, durante o dia... à tarde eu pego... alugar um barraco pra mim..."

Perguntada como iria arrumar tudo isto, respondeu que "trabalhando". Indagada, então, por que não fazia isto agora, antes do filho nascer, respondeu que "só depois..." Insistindo-se sobre a contradição, respondeu: "qualquer coisa, jogo a criança nas costas da coroa, pra poder se virar..." Perguntada por que não gosta de trabalhar, respondeu "que é porque não gosto que os outros mandem em mim... não preciso trabalhar, porque eu tenho o que eu quero... agora não quero, não... somente quando o meu filho nascer. Eu não vou tratar ele igual eu vivo na rua, não! A coisa que eu mais gosto na vida é curtir... do jeito que eu tou na rua, hoje, ninguém me perturbando, ou então junto da minha patota. Eu queria mesmo era as meninas de antigamente[1]... eram gente fina..." O que mais deseja na vida "é ter um lugar pra eu ficar... O resto não importa, não. Daqui alguns dias não vai mais ter jeito de dormir nos mocós. Quando eu tiver no sétimo mês, não dá mais, não..."



1. Refere-se à época em que existiu um bando de meninas de rua famoso em Goiânia, do qual fez parte.

Anexo 2

As histórias de vida do menor do subemprego

No grupo de menores do subemprego foram entrevistadas as seguintes pessoas: três menores exercendo as seguintes atividades, cada um: fretista, jornaleiro e papeleiro); duas mães e dois pais. Primeiramente foram entrevistados os menores. Logo a seguir foram feitas consultas sobre a possibilidade de se entrevistar os respectivos pais e, somente após este procedimento, foi realizada a entrevista com a família.

Caso 4

Menor: 13 anos
Sexo: masculino
Subemprego: fretista
Início do trabalho: 10 anos

A escolha desta história foi totalmente aleatória. Desejava-se entrevistar um menor do subemprego que não tivesse nenhum contato com a Fundação de Promoção Social de Goiânia, ou seja, que fosse classificado na categoria "não-assistido".

Soube-se que era muito freqüente encontrar-se, nas feiras livres de Goiânia, menores que desempenham a atividade de fretistas (meninos que se utilizam de um carrinho de feira para transportar as compras de quem o deseje). Escolheu-se uma feira pelo dia e lá abordou-se o primeiro fretista que se encontrou. Conversou-se, inicialmente, para saber se gostaria de dar a entrevista e, depois, sobre a possibilidade de entrevistar sua família.

Dados sobre a família (depoimento da mãe)

Idade da mãe: 40 anos

Companheiro atual: É o segundo companheiro, com quem convive há sete anos, com ele tendo quatro filhos.

Número de filhos: São 10 filhos. A mais velha tem 17 anos. Os seis mais velhos, incluindo o menor do subemprego, são do primeiro companheiro. A família, portanto, é composta de doze membros.

Condições econômicas: o companheiro é pedreiro, trabalhando por empreitada e retirando em torno de dois salários-mínimos. Existem duas filhas que trabalham nas redondezas como balconista e passadeira, e dois filhos que são fretistas. Segundo a mãe, não dá para calcular ao certo a renda familiar, mas, segundo as suas estimativas, está em torno de quatro salários-mínimos.

Condições de habitação: a casa é modesta, localizada porém num bairro bem próximo do centro da cidade. Tem 3 cômodos, sendo o banheiro localizado fora de casa. O casal dorme na cozinha, num colchão que é estendido todas as noites. A casa possui um terreiro grande, cheio de árvores frutíferas e pertence a um ex-cunhado da mãe (separado da irmã), que a deixa morar, por enquanto, pagando somente Cr$ 2.000,00, ainda que, segundo afirmação da mãe, uma casa igual à deles, no bairro, não seria alugada por menos de Cr$ 20.000,00.

A trajetória da genitora até a constituição da família do menor do subemprego

A infância

"Fui criada na roça, nem estudo tem... Meu pai sempre mexeu com a roça, eu também... era muito sofrido. Éramos treze irmãs... a minha infância não foi boa, não... Meu pai bebia muito, sem estudo, a gente vivia assombrada no meio da roça, sem saber o que fazer... Aí nós veio pra cidade... Eu tinha uns quinze anos. Nós deixou os velhos sozinhos, cada um traçou o seu rumo... Eu fui trabalhar de doméstica..." Parou de trabalhar, então, quando conheceu o primeiro companheiro.

A trajetória da família: da sua constituição ao início do trabalho do menor no subemprego

A primeira ligação amorosa

"Eu convivi primeiramente com um rapaz, é o pai dos seis filhos mais velhos... Tinha 16 anos... tive a menina mais velha. Quando ela nasceu eu ia completar 17 anos. Tive mais cinco filhos, nem sei porquê, não podia dar

certo. Era muito sistemático... nós vivia mal... bebia muito, judiava muito de mim... Aí um dia eu enfrentei ele... botei ele pra fora, fiquei uns tempos sozinha... mas compensou. Sofri demais... sozinha... alimentar tanto filho..."

A segunda ligação amorosa

Disse que conheceu o segundo companheiro e que ele a convidou para morar com ele. No início ficou com receio, mas, como estava em dificuldades, aceitou. Disse que foi uma boa coisa que fez, ainda que a sua vida seja muito difícil. "Os meninos não gostam muito dele, não... ele é muito fechado, muito sem carinho com os meninos... Mas não judia, não, ele não é de maltratar nem de bater em ninguém. Às vezes, ele toma uns golinhos, diz besteiras, mas eu não ligo... ele é boa gente, é muito companheiro..."

As condições de vida da família

Segundo a mãe, a sua vida sempre foi muito difícil, a começar pela instabilidade de moradia, uma vez que os aumentos de aluguéis impedem que ela continue no imóvel e "sabe como é, ninguém quer alugar pro pobre... O que mais desejo na vida é uma casa... não viver corrida... A gente está num aluguel, aí vem o dono, pede... se as crianças fazem uma arte aí vem o dono e diz que não quer mais alugar, porque a gente faz muito barulho... Eu só sei que a gente tem que ter o cantinho da gente, nem que seja uma maloquinha pra gente morar lá..." Comparando, todavia, a sua vida com a que tinha na roça, assim se expressou: "Na cidade tudo é mais fácil, tem muita gente com dó de mim, sabe o tanto de filho que a gente tem... É mais fácil por isso... um vem agrada com uma coisa, eu faço um servicinho aqui, lavo umas roupas ali, no final todos ajudam um pouco... meus filhos todos ajudam, no final tudo dá certo..."

A educação dos filhos

"Agora, por exemplo, não tem nenhum estudando... porque no colégio que eles tavam não deixavam eles entrar sem a lista de material... não tenho condições... primeiro era uniforme — aí eu peguei e comprei uniformes; aí tinha lista de material... isso aí é muito triste... É o que digo pra eles: tem de dar jeito de trabalhar pra comprar material pra estudar... Mas eles é tudo bons meninos... só espero que seja honesto... É uma coisa que eu digo pra eles: não quero filhos meu corrido da polícia... prefiro ver um filho morto do que ver um filho com caso com a polícia. Falo isso mesmo, falo de coração... porque na minha família não existe gente vagabundo, tudo são pobre, pobre mesmo de não ter onde morar, mas tudo honesto, tudo gente trabalhadora... mas, pelo menos até agora... graças a Deus, nenhum deu encrenca... todos trabalham, até os miudinhos carrega coisa pros vizinhos, ajuda lá na venda, ganha o seu dinheirinho. O marido também dá bons exemplos... é trabalhador que é danado. Agora, dá trabalho tanto filho... a gente controla eles, é uma gritaria, tem de ser... tem horas que eu fico doida... briga com um, faz um agrado no outro, é uma ciumeira... e tem os problemas de comida, de casa..."

O ingresso do menor no subemprego (a visão da mãe)

"Sabe, a vida de pobre só vive com ajuda... os filhos aqui em casa sabe disso... Eu acho ele um menino bom, educado... muito calado, mas muito amigo... Eu acho que ele viu tanta dificuldade e resolveu ajudar... Um dia, ele era ainda mais menino, já faz tempo... Ele chegou perto de mim e pediu um carrinho de feira... era pra ir junto com os coleguinhas ganhar um dinheirinho... Eu me virei como pude, pedi ali, ajuda aqui, eu consegui um carrinho já velhinho, mas bom... Ele ficou tão feliz, eu também... é mais uma ajuda..."

O ingresso do menor no subemprego (a visão do menor)

Obs.: O menor é bem calado e tímido e tem certa dificuldade de se expressar, pois gaguejava um pouco. Por isto mesmo a transcrição da entrevista ficou um pouco prejudicada, uma vez que ele tendia a responder de uma forma monossilábica.

Com relação ao começo de suas atividades, disse que quando estava com aproximadamente 10 anos conheceu um vizinho que trabalhava na feira e que lhe disse que era muito bom, pois dava para ganhar um dinheirinho, brincar com o carrinho, comer fruta. Então ele contou para a mãe os seus planos e pediu-lhe para ajudá-lo a comprar o carrinho. A mãe arrumou o carrinho e ele começou a trabalhar.

A trajetória do menor: do início do trabalho até o momento atual

A vida do menor do subemprego (a visão da mãe)

"Eu acho ele só muito calado... não sei se eu acho que é porque ele não conhece o pai, é um menino

sofrido... fica a maior parte do tempo dentro de casa, jogando bola com os irmãos e vizinhos, ouvindo o gravadorzinho dele... Ele comprou com o dinheirinho dele... tá todo prosa... Agora, é um menino amigo, a qualquer hora do dia e da noite que a gente precise, pode contar com ele... Ele é trabalhador, ajuda, a escola parece que ele não tem jeito, não, não sei, não gosta, não aceita, acho que dá preguiça..."

A vida do menor do subemprego (a visão do menor)

Disse que todos os dias acorda às 05:00 horas da manhã, toma café e sai para a feira. Normalmente freqüenta as feiras que lhe permitem chegar a pé, uma vez que não pode entrar no ônibus de carrinho. Em média, ele percorre a distância entre as feiras e a sua casa em aproximadamente uma hora e meia. Quando chega à feira, ajuda os barraqueiros a armarem as suas barracas e a transportar a mercadoria e depois, no final da feira, ajuda-os também. Com isto já garante uma gratificação inicial. O rendimento médio que retira por feira é de Cr$ 300,00, sendo que normalmente dá Cr$ 200,00 para a mãe e o restante junta para comprar roupa. Durante a feira consegue sempre comer alguma coisa, prestando um favor ou outro para os barraqueiros. Normalmente, termina as suas atividades entre as 12 e 13 horas, chegando em casa a partir das 14 horas.

Após chegar em casa almoça e deita-se um pouco para descansar. Por volta das 17:30 horas levanta, toma banho e fica esperando o jantar.

O horário da escola é das 19:30 às 22:30 horas. Entretanto, confessou que há muito tempo não freqüenta, porque não tem vontade. Disse que estaria na 2ª série, mas que abandonou. Prefere conversar com os amigos, ver televisão e dormir, porque acorda muito cedo.

Quanto a diversões gosta de jogar bola e ir para as festas, principalmente às sextas-feiras, no clube perto de sua casa. Gosta muito também de escutar música.

A perspectiva temporal futura

A visão da mãe

"Eu espero que não só ele, mas que eles não me dêem uma tristeza maior, sejam todos honestos, assim como eu fui toda a vida com os meus pais. Eu quero é que eles ajudem a sair do buraco. Não tenho nada a reclamar deles. Eles todos são muito carinhosos, eu também... É o que a gente tem... o futuro que eu tenho agora são os meus filhos... Mas eles sabem que a vida da gente é difícil: um dia falta uma coisa, apanha um quilo de arroz emprestado aqui, um copo de óleo ali, acaba um trem, acaba outro, tem dias que um quilo de arroz é pouco, tem que inteirar com macarrão. Mas eles ajudam... tem dia que eu fico doida, aí eles arrumam tudo, fazem a comida, diz pra eu sair... mas, que nada... a minha distração é eles. Por isso eu dou graças a Deus... quando tá tudo ruim, vem um filho compra uma coisinha, é um alívio... Às vezes eles saem pra festas, eu fico preocupada... A hora que eles chega já é uma diversão pra mim... hora que tá tudo dormindo eu fico satisfeita. Eu espero que seja sempre assim..."

A experiência do menor

Até agora não decidiu o que pretende fazer na vida, pois não sabe se quer estudar. Acha que o que importa é continuar trabalhando. Disse que não pretende sair de casa, nem para viajar, porque gosta muito de sua casa. Disse também que o futuro é continuar ganhando o dinheiro dele: "é pouco, mas é bom... se der pra continuar tá bom..."

Caso 5

Menor: 15 anos
Sexo: masculino
Subemprego: jornaleiro
Início do trabalho: 14 anos
1º trabalho: 13 anos — fretista

A escolha deste menor foi por sorteio. Dentre os jornaleiros cadastrados na Fundação de Promoção Social este foi sorteado, contatado na hora do almoço no CPT[1], entrevistado e consultado sobre a possibilidade de se realizar uma entrevista com a família.

Dados sobre a família (depoimento do pai e da mãe)

Idade da mãe: 38 anos
Idade do pai: 42 anos

1. CPT (Casa do Pequeno Trabalhador) é um órgão da Fundação de Promoção Social de Goiânia que dá apoio ao menor do subemprego

Número de filhos: uma menina: 16 anos
um menino (jornaleiro): 15 anos
Casamento: 1971
Condições econômicas: o pai trabalha como cobrador numa empresa de ônibus, percebendo em torno de dois salários-mínimos; a mãe trabalha numa indústria de confecção de roupas, ganhando dois salários-mínimos.
Condições de habitação: a família habita uma casa de 5 cômodos, própria, de alvenaria, num bairro popular de Goiânia, distante uns 40 minutos do Centro. A casa possui um pequeno terreno no fundo, onde existe uma horta bem cuidada.

A casa é muito simples, mas, tendo em vista o número de ocupantes, dispõe de um conforto razoável.

A trajetória da família: da sua constituição ao início do trabalho do menor do subemprego

A infância da mãe

Eram sete irmãos (cinco homens e duas mulheres), o pai lavrador e a mãe doméstica. Desde cedo, começou a trabalhar na fazenda, permanecendo até os 10 anos em companhia dos pais, até que foi trabalhar como doméstica, sozinha, numa fazenda em outra cidade.

Sobre este tempo, relatou: "Acho que nem tive infância... trabalhava muito, era demais... eu levantava muito cedo, tinha que fazer o café, dormia muito tarde". Aos 14 anos veio com a mesma família para Goiânia: "Aí melhorou um pouco mais, já tinha horário... na roça era demais, não fazia outra coisa senão trabalhar. Na cidade as coisas melhoraram..."

Disse que continuou trabalhando de doméstica para essa família que, às vezes, passava os fins-de-semana e as férias numa fazenda numa cidade perto. Foi aí que conheceu o marido, namorou e casou aos 19 anos.

A infância do pai

"A minha infância foi terrível... trabalhava muito na fazenda, ajudava meu pai em consertos de curral, cerca, arame. Quando eu tinha 12 anos comecei a tomar conta do serviço pra ele. Eu já trabalhava como gente grande. Nós éramos três irmãos homem, mas o velho não deixava a gente sair de jeito nenhum... Só comecei a ir a festinha depois de 18 anos... em 71 casei. Aí eu já ia batalhar por nossa conta. Nós morava na cidade, mas de vez em quando eu tinha que ir para a fazenda fazer um servicinho. Depois que arrumei um emprego no transporte, aí é que as coisas melhorou um pouco. Tenho saudade da vida no interior, porque a gente trabalhava de segunda a sexta, era duro, agora, sábado e domingo íamos dar uma pescadinha, descanso... aqui não tem feriado, sábado, domingo..."

A trajetória da família: da sua constituição ao início do trabalho do menor no subemprego

A trajetória do casal

No início disseram que foi muito difícil, porque tinham que pagar o aluguel caro. Quando o marido conseguiu o emprego de cobrador e a mãe começou a costurar, aí as coisas melhoraram. Mas, assim mesmo, acham que trabalham muito e ganham muito pouco.

O pai assim relatou a sua rotina diária atualmente: "o relógio desperta às 03:20 horas da manhã; às 03:50 horas o carro passa para me apanhar. Chego na garagem, apanho o carro e começo a rodar. Tem dias que paro às 13:00 horas, tem dias que paro às 16:00 horas. Depois que paro vou para a garagem levar o dinheiro; gasto mais uma hora e meia. Nos dias que paro cedo, chego em casa às 15:00 horas, nos outros dias, por volta das 18:00 horas. Nós temos dez minutos para almoçar. Se não almoçar, frio mesmo, tem que completar o almoço na outra viagem. Depois que eu desperto, eu boto o relógio para despertar às 05:20 horas, para acordar a minha mulher..."

A mãe relatou, então, a sua jornada de trabalho atual: "eu pego o ônibus às 06:00 horas, entro às 07:00 horas e saio às 12:00 horas para almoçar. Retorno às 13:30 horas e termino às 17:20 horas. Chego às 18:30 horas e termino o jantar que a filha já começou e preparo o almoço meu e do meu marido pro dia seguinte. No sábado, eu levanto às 06:00 horas pra cuidar da casa, lavar as roupas da semana que a filha deixou pra lavar. Pensando bem, em casa eu trabalho mais que lá no serviço... a gente que é dona de casa tem sempre uma coisinha pra fazer. A menina toma conta da casa de segunda a sexta... sábado e domingo é por minha conta. A minha filha estuda de manhã, chega, cuida de fazer o almoço pra ela, à tarde ela dá um jeito na casa e começa a preparar o jantar".

A educação do menor

Na época em que eles eram pequenos a mãe trabalhava em artesanato de costura, primeiro na sua casa e

depois em sociedade com uma vizinha, bem perto de sua casa. Ela disse que os filhos "nunca deram problemas, sempre foram tranqüilos e sempre por perto de casa... isto é muito importante..."

Diz que sempre deu duro para o menino estudar e que ele ficou um período sem ir à escola, mas que agora está tomando juízo, pois voltou a freqüentar o colégio.

O ingresso do menor no subemprego (a visão da mãe)

"Há uns dois anos ele fez uma carrocinha para fazer frete na feira, por conta própria. Aí nós vimos que era melhor deixar, mas ficamos preocupados... Fica na rua sozinho, pode cheirar esses trem, eu queria mesmo que ele entrasse para a guarda-mirim[1]... Eu fui me informar, não tinha vaga... Aí eu falei com meu filho e ele concordou em sair da feira. Eu disse a ele que a gente ia arrumar uma coisa... ele disse então que queria ser jornaleiro. Aí um dia que nós ia inscrever ele como jornaleiro, apareceu a vaga na guarda-mirim, mas ele entrou de má-vontade, porque dizia que os colegas ganhavam mais vendendo jornal. Tanto assim que começou a faltar e tempos depois nós recebemos carta lá do serviço dizendo que ele estava dispensado da guarda-mirim, por falta... Eu acho que o serviço de guarda-mirim é melhor que o de jornaleiro. Ele agora fica muito livre na rua, tem contato com muita gente... Ele trabalhava somente três horas e tudo o que precisava tinha lá".

A propósito deste assunto, o pai também confirmou que achava a guarda-mirim muito melhor, "porque mais tarde ele poderia ser um profissional: se ele ficasse lá até completar 17 anos, primeiro faria um curso de datilografia e depois ia para outro órgão. Eu estava preocupado não era com o presente, mas sim com o futuro. Achava que seria bem melhor do que vender jornal, que não tem futuro algum a não ser ganhar uns troquinhos. Aliás, eu acho essa questão de futuro fundamental. A minha filha, por exemplo, só estuda... ela podia trabalhar como doméstica, não adianta nada, não aprende nada, também... hoje em dia tem que ter futuro..."

A visão do menor

Começou a trabalhar no carrinho de feira, mas como a mãe não gostava, teve que sair. Conseguiu uma vaga na guarda-mirim mas não gostava e, por isso, arranjou de ser jornaleiro...

A trajetória do menor: do início do trabalho até o momento atual

A vida do menor no subemprego (a visão do menor)

Diz que levanta às 03:30 horas da manhã e sai com o pai. Às 05:30 horas chega na distribuidora dos jornais para apanhá-los. Atualmente apanha quinze jornais. Apresenta então uma carteirinha da Fundação de Promoção Social de Goiânia e não precisa pagar adiantado ou deixar um depósito. Chega às 07:00 horas no terminal ferroviário, que é o seu ponto de vendas. Vendendo tudo recebe Cr$ 140,00, já que cada jornal custa Cr$ 40,00 e ele recebe 20% de comissão. Termina de vender às 10:30 horas e vai para a CPT, onde acerta as contas das vendas. Terminado, pode almoçar. A Fundação dá uniforme, almoço e bola para eles se distraírem num campo que existe lá. Depois do almoço vai para casa, toma banho e vai para o colégio: das 13:00 às 17:00 horas. Atualmente está na 4ª série do 1º grau e está atrasado porque parou de estudar uns anos; segundo ele, "estava muito chato..." Depois do colégio vai bater papo com os colegas na porta de casa.

Com relação ao que ganha, mencionou: "do dinheiro que eu ganho, dou primeiro pra minha mãe, o que sobra serve pra comprar qualquer coisa, comprar roupa... Se a minha mãe tiver apertada eu dou todo o dinheiro pra ela. Depois de uma semana de trabalho eu fico com uns Cr$ 200,00 e dou pra minha mãe uns Cr$ 500,00 ou Cr$ 600,00..."

A visão dos pais

A mãe se diz preocupada com as atividades atuais do filho: "a gente tem medo das más companhias: os colegas daqui a gente conhece, mas os outros que vende jornal, a gente não sabe... Mas eu acho o meu filho um bom menino... Ele me dá toda semana um pouco do dinheiro, eu recebo, porque qualquer ajuda é sempre boa".

O pai também falou das suas preocupações: "Eu trabalho nesse serviço de ônibus, a gente vai vendo o que acontece dentro do ônibus, eu acho que esses problemas a gente não vai ter... O meu filho, nem fumar, fuma... eu não sei, acho que esse problema a gente não vai ter, não".

1. Guarda-mirim é um programa desenvolvido pela Fundação de Promoção Social. O menor quando ingressa tem direito a uniforme, almoço e meio salário-mínimo de remuneração.

A perspectiva temporal futura

A visão do menor

Quanto ao futuro, ainda não tem muita certeza, mas gostaria de ser caminhoneiro. Se pudesse, voltava a morar na fazenda de sua madrinha, numa cidade do interior.

A visão dos pais

A mãe gostaria de ter um lugar melhor para morar e, em relação aos filhos, gostaria "é que eles tem estudo melhor, arrumem um emprego melhor, pra não dar duro igualzinho eu e o pai deles..."

Já o pai, assim se referiu:

"Às vezes os meninos ficam revoltados, ainda não fez o banheiro, ainda não fez aquilo, mas com o meu salário não dá... A minha mulher agora voltou a trabalhar. Talvez este ano dá pra gente tampar aqui e fazer mais uma peça..."

Em relação aos filhos, falou: "... é ter um trabalho, mas não ficar igual a nós, sem aquele futuro, tendo um pouquinho como nós... Tendo um estudo, uma profissão, tudo fica bem... é isso que eu espero que aconteça".

Caso 6

Menor: 15 anos
Sexo: masculino
Subemprego: papeleiro
Início do trabalho: 12 anos
1º trabalho: 9 anos — vendedor de doces

A escolha deste menor foi por sorteio. Dentre os papeleiros cadastrados na Fundação de Promoção Social este foi sorteado, contatado na hora do almoço no CPT, entrevistado e consultado sobre a possibilidade de se realizar uma entrevista com a família.

Dados sobre a família (depoimento do pai)

Idade do pai: 44 anos
Idade da mãe: 37 anos
Tempo de casados: 19 anos
Obs.: A mãe se encontrava ausente (estava no trabalho)

Número de filhos: um menino (papeleiro): 15 anos
uma menina: 11 anos
um menino: 9 anos

Condições econômicas: durante o dia o pai trabalha de servente de pedreiro, como biscateiro e à noite de vigia noturno, percebendo em média dois salários-mínimos. A mãe trabalha na limpeza urbana e ganha também dois salários-mínimos.

Condições de habitação: a família habita uma casa de alvenaria, própria, com 5 cômodos, sem muitos móveis, com um grande terreno, todo arborizado, localizado num bairro popular muito afastado do centro. A casa é mal cuidada, mas, tendo em vista o número de habitantes, não é muito desconfortável.

A trajetória do pai até a constituição da família

O histórico do pai: da infância ao casamento

Foi criado num colégio de freiras no interior do Paraná até a idade de 11 anos. Não conheceu nem pai nem mãe. Foi empregado, através do colégio, numa firma de calçados, até completar 18 anos, quando foi servir no Exército. Depois que deu baixa, ficou quatro anos trabalhando na Rodoviária de Curitiba e, mais tarde, foi para o comércio. A seguir, mudou-se para São Paulo, onde permaneceu três anos trabalhando na lavoura: "mexendo com algodão". Chegou em Goiás em 1971 e foi trabalhar na construção civil, quando conheceu a companheira.

A ligação afetiva

"Ela era empregada doméstica de uma casa ao lado da construção onde eu trabalhava na época. Aí nós conversamos até que chegamos ao ponto de vivermos juntos... Foi mais ou menos dois anos que eu estava em Goiânia. Aí ela me levou na casa da irmã dela e eles ficaram de acordo, porque ela vivia sozinha. Inclusive eles arranjaram um cômodo para nós morar, porque a gente era fraco, não tinha nada... Ela já tinha um filho, quando nós passamos a morar juntos... O menino ainda não tinha um ano de idade... a cunhada criou ele..."

A trajetória da família: da sua constituição ao ingresso do menor no subemprego

As condições de vida familiar

Em 1979 ele e a companheira entraram para a Companhia de Limpeza Urbana e as coisas começaram a melhorar, porque antes estava muito difícil. "O menino na época era pequeno, ficava em casa com as outras crianças, os filhos da minha cunhada... até o irmão por parte da mãe... Mas, não estava dando certo, não, era muita confusão. Aí nós saímos da casa do cunhado quando consegui comprar o lugar onde atualmente moramos. Compramos o terreno e construímos um barraquinho, até construir a casa. Nesta época a gente saía às 05:00 horas da manhã e voltávamos às 08:00 da noite... De manhã, quando nós saía, nós deixava o café pronto, deixava o dinheiro, aí eles ia e comprava um pão pra eles... Só ficavam os dois mais velhos... o menino tinha uns 9 anos..."

O ingresso do menor no subemprego (a visão do pai)

"Primeiramente ele começou a vender doce aqui perto de onde a gente mora, é um terminal de ônibus... Ele arrumou de trabalhar pra fábrica de doces... depois ele ia pro Centro. Foi ele mesmo que resolveu, via os outros meninos... Aí então os colegas dele arrumaram pra ele... ele trabalhou nisso de 9 aos 12 anos. Depois ele começou a mexer com papel, não sei como ele arranjou esse serviço. A gente via sempre o exemplo dos meninos catadores de papel, porque a gente trabalhava na rua, a gente via... Mas ele dizia pra gente que como ele era pequeno não podia arrumar outro serviço. Nós também não tinha tempo de arrumar serviço pra ele. Nós acha o serviço perigoso e até malvisto. Já aconteceu do carro bater no carrinho dele... eu não gosto do serviço que ele faz... Todo mundo diz que catador de papel pode até se tornar marginal..."

A visão do menor

Disse que em conversa com os vizinhos resolveu vender doces para ver se conseguia algum dinheiro. Ficou um tempo lá, mas não estava dando muito lucro, porque tinha dias que não vendia quase nada, e ainda gastava com transporte e alimentação. Foi então que descobriu o trabalho de papeleiro, porque o colega disse que estavam precisando de gente no depósito e ganhava muito mais. Devia ter uns 12 para 13 anos quando começou a trabalhar como papeleiro.

A trajetória do menor: do seu ingresso no mercado do subemprego até o momento atual

As condições de vida do menor (a visão do menor)

Disse que acorda às 04:50 horas, toma o ônibus às 05:30 horas, vai para o depósito de papel apanhar o carrinho e, em seguida, se dirige para a rua a fim de catar papel. Às 11:00 horas vem para a CPT para almoçar, pratica um esporte e volta às 13:00 horas para recomeçar o trabalho de catar papel. Às 17:00 horas retorna ao depósito, pesa o que recolheu, recebe o pagamento e, às 17:30 horas pega o ônibus, chegando em casa por volta das 19:30 horas. Quando está muito cansado dorme no depósito mesmo, porque "gasta menos em condução e é mais mió..."

Recebe Cr$ 1,50 por quilo de papel recolhido. Em média, consegue recolher até 300 quilos de papel por dia. "Dá pra ganhar uns Cr$ 1.000,00 por dia, Cr$5.000,00 por semana".

Do dinheiro que ganha, "fica tudo pra mim... tô dando duro, tô juntando pra comprar um gravador... só falta uns Cr$ 10.000,00..."

Quando vai para casa depois que chega, toma banho, vê televisão e vai dormir. Quanto aos estudos, diz ter parado na 2ª série, quando tinha 12 anos. "Eu estudava, agora parei, não compensa, não... é ruim demais, não gosto, não..."

Depois de algum tempo de conversa disse que gostava de cheirar cola com os colegas e que faz uns pequenos roubos: "a gente se vira... rouba uns vasilhão, uns alumínios, é bom que custa Cr$ 30,00 o quilo... dá pra tirar uns Cr$ 500,00 por dia, fora o do papel..."

A visão do pai

"Eu peço, a mãe dele pede, pra largar disso... Ele diz que não estudou pra arrumar outra ocupa-

ção... Ele de vez em quando compra um gás, eu acho ele um bom filho. A única coisa que não me agrada é esta situação de papeleiro... Um dia nós fomos lá na Alameda Botafogo e conversei com o patrão dele. Ele falou que o dia que ele não viesse pra casa é porque iria dormir no depósito... é que ele ficava até mais tarde carregando os caminhões de papel, que não precisa a gente se preocupar... Aí a gente ficou mais tranqüilo, mas, é isso, o filho tá crescendo, a gente não pode ir atrás dele, mesmo porque a gente não sabe onde ele está. Eu tô vendo que demos excesso de liberdade pra ele... desde que ele começou a trabalhar, vendendo doce, nós devíamos ter controlado mais... inclusive ele nem contribuía para a casa... ele falava que não vendia, ficava com o dinheiro, tudo isso nós tinha que controlar, antes... tô vendo que tudo isso foi excesso de liberdade e agora pra corrigir vai ser mais difícil..."

A perspectiva temporal futura

A visão do pai

"O que falta é a regeneração do menino... tem dia que ele não vem pra casa, a gente fica preocupado, ele é um menino simples, obediente, nós temos que tentar tirar ele desse serviço.. Se ele fosse um menino que se interessasse pelos estudos, eu preferia que ele estudasse, pelo menos até um determinado período..."

A visão do menor

Diz que não sabe o que vai fazer da vida, só sabe que não quer estudar. "Por enquanto, a vida tá boa... depois, a gente vê..."